

Psiquismos clivados: vazio de sentido e insistência no existir

Cleaved psychisms: lack of meaning and insistence in existing

Renata Mello*
Regina Herzog**

Resumo: O artigo discute a noção de clivagem psíquica como defesa privilegiada diante do excesso pulsional, no âmbito da reviravolta conceitual dos anos 1920. Com este objetivo propomos, em um primeiro momento, investigar a contrapartida do objeto na organização do psiquismo clivado. E em seguida, abordar os impasses subjetivos da clivagem a partir das falhas na imbricação do objeto com a pulsão.

Palavras-chave: Psicanálise, clivagem, pulsão, relações de objeto.

Abstract: *This paper discusses the notion of psychic cleavage as a favoured defense in face of instinctual excess in the context of the conceptual upheaval of the 1920's. In line with this objective we suggest: first, to investigate the counterpart of the object in organizing the cleaved psychism; and second, to deal with the subjective impasses of cleavage considering the flaws in the imbrication of the object with the drive.*

Keywords: *Psychoanalysis, cleavage, drive, object relations.*

* Psicóloga, doutora em Teoria Psicanalítica/UFRJ, pesquisadora do Núcleo de Estudos em Psicanálise e Clínica da Contemporaneidade/IPUB/UFRJ.

** Psicanalista, profa. associada do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica/UFRJ, coordenadora do Núcleo de Estudos em Psicanálise e Clínica da Contemporaneidade (IPUB/UFRJ), pesquisadora do CNPq.

Uma multidão, uma colônia, uma epidemia,
uma epifania, um contato.
Contagio-me. Todas as coisas estão em mim.
Eu não existo. Insisto em tudo.

Ericson Pires

Introdução

O homem divide-se de si mesmo. Fato incontornável. A divisão testemunha não apenas a sobrevivência aos traumatismos, como implica na própria constituição do psiquismo. Não há como passar despercebidamente pelos impactos da vida ou açambarcar os acontecimentos cotidianos inteiramente de modo contínuo. O caráter impactante de uma vivência demanda, inevitavelmente, um movimento de transmutação interna provocando desdobramentos, em algum nível subjetivantes. Denota-se aí o preço da subjetivação, via de engendramento alienante ou gerador de vida. Desse modo, tomamos a divisão não como um signo psicopatológico em si, podendo referir-se a um processo de demarcação entre os sistemas do aparato psíquico e, mesmo, a um processo absolutamente organizador dos traumas. Nessa perspectiva, algumas divisões podem ser vistas como constitutivas e potentes, enquanto outras, se apresentam predominantemente como entraves ao movimento psíquico, ainda que indispensáveis para a sobrevivência do eu.

A esse respeito cabe precisar que os procedimentos de cisão podem incidir como cortes horizontais em que partes da experiência são excluídas da consciência ou intervir para segregar porções da realidade objetiva e da subjetividade por meio de barreiras verticais (FIGUEIREDO, 2003a). O primeiro caso diz respeito à operação realizada pelo recalque, mediante a qual, as representações são separadas dos afetos correlatos, tornando-se excluídas da consciência. Trata-se, portanto, de cisões inter-sistêmicas, responsáveis pela diferenciação entre as instâncias psíquicas e as formações do inconsciente. As verticalizações, por sua vez, encerram uma divisão intrapsíquica, a partir da qual descreveremos a clivagem, instaurando uma desconexão no psiquismo. Nessas condições, as cisões inviabilizam a integração das experiências psíquicas, criando áreas separadas, paralelas e incomunicáveis. É importante sublinhar que o psiquismo pode comportar ambos os cortes, de modo que a subjetividade engendra-se nos atravessamentos entre recalques e clivagens. Na linha dessas proposições, parece-nos mais apropriado traçar uma linha transversal, mesmo que uma modalidade de corte seja mais dominante que o outro, conforme adverte Jô Gondar (2006).

Trauma e clivagem: situando a problemática

O termo em alemão *Spaltung*, para o qual se adota o equivalente *clivagem*, obedece a um longo caminho de desenvolvimento conceitual na obra freudiana, sendo utilizado desde a invenção do inconsciente, passando por variações, tais como, “clivagem da consciência” ou “clivagem psíquica”, até assumir a especificação *Ichspaltung*, designada como a divisão do eu, no âmbito da reflexão sobre o fetichismo e as psicoses. Nos últimos escritos de Freud, a saber, *Esboço de psicanálise* (1940a[1938]/1996) e *A divisão do ego no processo de defesa* (1940b[1938]/1996), podemos acompanhar o alcance da clivagem para subjetivações em geral, de tal maneira que a conformação do eu pela divisão torna-se um processo de defesa válido e democrático sob a influência de um trauma psíquico em situações arcaicas e limites.

Na direção desses enunciados, interessa-nos investigar um modo específico de divisão do psiquismo que consiste na clivagem psíquica enquanto defesa privilegiada diante do excesso pulsional, ensejando um procedimento de corte e descentramento da subjetividade diante das experiências pulsionais sem possibilidade de descarga e ligação pelas representações psíquicas. Nessas circunstâncias, a clivagem inscreve-se na reviravolta conceitual dos anos 20, apontando para uma dimensão do traumático como transbordamento intensivo. Por esse viés, podemos afirmar, na companhia de René Roussillon (1995), que “a clivagem supõe a ação de um ‘além do princípio de prazer/desprazer’, quer dizer, da tentativa e da falha de instauração do seu primado: alguma coisa lhe escapa, o que está na origem de um hiato no funcionamento psíquico” (p. 1358. Tradução nossa). Tal hiato refere-se precisamente ao desgarramento no interior da própria psique, o que quer dizer que os estados clivados não representados estabelecem uma desconexão no coração da experiência psíquica.

É importante precisar que somente a partir da introdução da segunda metapsicologia freudiana, marcada fundamentalmente por *Além do princípio do prazer* (FREUD, 1920/1996) e *O ego e o id* (FREUD, 1923/1996), começa a ser possível considerar algo fora do registro das representações e do princípio do prazer. Com base nisso, o conceito de pulsão relativiza-se para além de uma referência exclusivamente sexual, de tal maneira que a autonomia do campo quantitativo da pulsão, indicada por Freud em *Pulsões e suas vicissitudes* (FREUD, 1915/1996), assume aqui a sua radicalidade. Efetivamente, até então havia a certeza da ligação originária entre a força pulsional e seus representantes, sendo a pulsão satisfatoriamente inscrita no registro da representação como pulsão sexual. Logo, o divórcio entre a dimensão intensiva da pulsão e

seus possíveis representantes termina por convergir para a temática do excesso, exigindo a construção de um novo modelo de aparelho psíquico.

Enquanto na tópicada do inconsciente deparamos-nos com um conjunto de experiências tratadas pela representação, agora estamos diante de fenômenos psíquicos que ultrapassam isso. A fim de comportar não apenas o campo da conflitualidade entre representações contrárias, como também a problemática do transbordamento, convém, certamente, empreender um redimensionamento do traumático. Nesse sentido, a ampliação da geografia psíquica com base na divisão inconsciente/pré-consciente/consciente para incluir a divisão id/ego/superego corresponde justamente ao esforço de Freud para justificar a existência desse *além*. No bojo dessas questões, a ênfase conceitual da construção freudiana desloca-se das formações do inconsciente para o encaminhamento da pulsionalidade e, com isso, o impessoal, indefinível e indeterminado do pólo pulsional rouba a cena analítica.

Tomando essa perspectiva em consideração, retomamos a justificativa postulada por Freud no *Esboço de psicanálise* (1940a[1938]/1996. *op. cit.*) acerca das desarmonias quantitativas. Nessa lógica, a resultante defensiva depende da ação recíproca entre as exigências pulsionais e a maturidade psíquica, sendo necessário levar em conta a natureza da pulsão e o período de vida relacionado. Evidentemente, isso se adapta particularmente aos traumas precoces em virtude da prematuridade do bebê humano, mas vale também para as experiências de transbordamento mais tardias, em face das quais o sujeito se vê a mercê dos seus excessos não representados. De fato, uma experiência não se constitui como desorganizadora se a exigência de trabalho psíquico imposta ao sujeito não exceder a sua capacidade de ligação, portanto, o que confere à quantidade um valor de efração é a incapacidade de ligá-la. Nessas ocasiões, configura-se um desequilíbrio acentuado das relações entre a força e o sentido.

Ora, fundamentalmente, a ligação ganha relevância a partir da interação com o outro, pois, em última instância, é o objeto que permite a inscrição da força pulsional. Por essa linha de pensamento, a dificuldade encontrada na apropriação subjetiva de determinados acontecimentos psíquicos vai nos remeter diretamente ao potencial traumático dos encontros alteritários, discussão que empreenderemos a seguir, baseada na perspectiva das relações com o objeto.

A contrapartida do objeto

De saída, convém salientar que não pretendemos criar uma referência automática e totalitária no que concerne ao suposto outro da clivagem, mas

sustentar uma visão multifacetada capaz de instaurar um campo de intelegibilidade das formas de ligação e desligamento estabelecidas entre o sujeito e os objetos. Entendemos que a dimensão interna do psiquismo comporta e revela as relações do sujeito com a externalidade, assim como, pela via inversa, o estabelecimento de tais relações informa sobre o que se passa na esfera intrapsíquica. Nesse sentido, reconhecemos a necessária imbricação dos objetos com a pulsão, mesmo porque, a rigor, nenhum psiquismo poderia ser constituído sem um objeto para atender às insuficiências características da imaturidade do bebê humano. Por essa lógica, a forma como o objeto responde em prol da ativação pulsional interfere substancialmente na organização psíquica do sujeito, posto que efetivamente não exista eu sem um outro. Sendo assim, o desequilíbrio entre Eros e Tânatos deve ser contemplado em função da qualidade das relações do sujeito com os objetos, uma vez que o movimento pulsional adquire o seu vigor à custa da ligação da pulsão.

Na esteira dessas ideias, Sándor Ferenczi (1929/1992), em *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte*, vai investigar a gênese das tendências inconscientes de auto-destruição, o que o leva a afirmar a probabilidade de sujeitos acolhidos com rudeza e sem carinho manifestarem pouca resistência à morte. Tal afirmação baseia-se na proposição de que a pulsionalidade vital não ativa-se com plena carga logo após o nascimento, precisando ser despertada pelo acolhimento físico e psíquico dispensados com tato. No rumo oposto, a perda do gosto pela vida e o deslizamento para o não ser, justificar-se-ia em virtude da precocidade de um trauma, implicando uma experiência que excede as forças de enfrentamento. Nesse caso, o engendramento do indivíduo se daria sob o impacto da pulsão de morte, instaurando um funcionamento psíquico situado além do princípio de prazer. Fica evidente aqui a função imprescindível do outro nos estágios iniciais, permitindo precisamente que o indivíduo viva, sinta-se vivo e tenha vontade de viver.

Logo, a relação com o mundo inaugura-se por meio dos cuidados dispensados ao recém-nascido nos primórdios da vida psíquica, de forma que cabe ao outro o convite ao existir e o oferecimento das condições necessárias para tanto. Nessas ocasiões, convém que o objeto não se imponha quando deveria estar ausente, nem se ausente quando deveria se impor. Considerando que o jogo pulsional organiza-se em correlação com a interferência do outro primordial. Notadamente, as funções desempenhadas pelos objetos ocupam um papel crucial para o indivíduo ao nascer, não obstante, também podemos encontrá-las ressonantes nas modalidades de relações alteritárias estabelecidas ao longo da existência, tendo em vista o desamparo fundamental do ser huma-

no. Em última análise, acreditamos que o fundamento *princeps* do espectro de cuidados objetivos consiste em facilitar para o indivíduo a atribuição de sentidos para o vivido subjetivo, na medida em que a ligação institui-se como o trabalho de toda a sua história.

Por essa via de abertura, abarcamos o potencial traumático tanto em relação ao esgotamento dos recursos internos para lidar com o excesso intensivo quanto em relação às falhas dos objetos em conduzir os processos psíquicos de ligação. Tal condução tem como efeito o apaziguamento da irrupção de excitações dolorosas, tornando-as digeríveis. Com esse propósito, interessa-nos examinar em seguida se existem modalidades de relações objetais mais suscetíveis de transbordamento pulsional, no sentido de não propiciar as ligações necessárias para o encaminhamento da pulsão, disparando o acionamento das ações de clivagem. Uma vez que estamos considerando a clivagem psíquica como defesa privilegiada diante do excesso pulsional, deteremos-nos aqui nas funções do objeto primordial, capazes, justamente, de favorecer a ligação da pulsionalidade. Nessa linha de reflexão, vamos privilegiar o conceito de *holding* proposto por Winnicott¹ e a noção de continência desenvolvida por Bion.

***Holding* e continência**

A relação primária entre o *eu* e o *outro* é designada por Donald Winnicott (1960/1983) em termos de *holding* e por Wilfred Bion (1967/1994) em termos de continência. Trata-se de duas funções primordiais que conferem ao objeto maternante uma presença constituinte do psiquismo do sujeito, colocando especialmente em perspectiva os processos de simbolização das vivências primitivas mais intensas.

A fim de radicalizar a noção de dependência do sujeito em relação aos cuidados de um objeto, Winnicott enuncia que “isso que chamam de bebê não existe” (WINNICOTT, 1952/2000, p. 165), indicando a necessidade invariável de se considerar a dupla mãe/bebê. Pelo vértice winnicottiano, vale ressaltar que o recém-nascido encontra-se em um estado de não integração primária, resumindo-se a uma mera continuidade de ser no tempo e no espaço, a partir da

¹ É importante precisar que o universo conceitual winnicottiano não compreende as experiências primárias entre sujeito e objeto em termos pulsionais, na medida em que não haveria id antes de ego. Entendemos que tal posicionamento se justifica, posto o acento winnicottiano na importância da satisfação das necessidades somatopsíquicas para além da satisfação pulsional, de forma que estamos referidos às mesmas preocupações winnicottianas em relação à organização do *eu*, contudo, consideramos a gramática pulsional antes de uma organização psíquica.

qual vai se constituir psicicamente. Tudo se desdobra com base no atendimento das necessidades somatopsíquicas do infante pelo objeto maternante, possível pela adaptação da mãe no contexto da “preocupação materna primária” (WINNICOTT, 1956/2000, *op. cit.*). Essa preocupação diz respeito a um estado de sensibilidade exacerbada por meio do qual a mãe é capaz de identificar-se com os anseios cambiantes do filho, como se estivesse mesmo no lugar dele e, assim, corresponder na proporção adequada. Sem dúvida, o objeto cuidador é passível de falhas, contudo, sensivelmente atento para que a sua insuficiência seja neutralizada em um limiar suportável para o bebê.

Esse entendimento é especialmente importante para a compreensão do que Winnicott abarca com o conceito de *holding*, na medida em que envolve a função primária de segurança, traduzindo o modo de presença da mãe e as formas pelas quais ela se faz disponível ou simplesmente ali. O *holding* compõe a série de cuidados oferecidos pelo objeto maternante, levando-se em conta o próprio ato físico de segurar e tocar o infante, como também a atmosfera do ambiente, isto é, temperatura, luz, força, som, mímica, postura, e, particularmente, o ritmo entre os contatos calmantes e excitantes. No limite, trata-se da oferta de um mundo sob medida para o recém-nascido. Nota-se que somente um *outro* em sintonia fina com o indivíduo consegue perceber o que, por um lado, pode ser suficiente e apropriado e, por outro, excessivo e intrusivo. Nessas condições, a mãe vai apresentar o seio no momento em que o bebê sente fome, impedindo a invasão de sensações desprazerosas em demasia e permitindo a experiência ilusória de tê-lo criado. Fica patente aqui como a repetida conjugação da apresentação com a criação do seio vai promover a crença no mundo como algo sobre o qual é possível ter ilusões.

Em contrapartida, o acentuado adiantamento ou atraso do objeto materno primário em apresentar o mundo ao bebê engendra um encontro essencialmente traumático com a realidade, uma vez que o aparato psíquico não tem condições de representá-la nem integrá-la como uma experiência. Desse modo, as falhas do objeto primordial são vividas pelo sujeito enquanto descontínuidade abrupta com o ambiente, diante das quais, ele reage. Na medida da sua reação, perde a sensação de ser e, por consequência, agonias impensáveis sobrevêm, a saber, “ser feito em pedaços, cair para sempre, morrer, morrer e morrer, perder todos os vestígios de esperança e renovação de contatos” (WINNICOTT, 1970/2002, p. 76), trazendo consigo uma ameaça de colapso psíquico. É importante atentar que tais agonias desvelam precisamente a falta de *holding* por parte dos objetos. Ora, sem adequada sustentação, produto de uma adaptação suficientemente boa, não há solo firme que viabilize a ausência da mãe.

Enquanto para Winnicott (1960/1983. *op. cit.*) a base dos processos de subjetivação recai na adaptação materna capaz de oferecer *holding*, para Bion (1967/1994. *op. cit.*) o motor reside na oferta de continência que se realiza por meio da identificação projetiva e da capacidade de *revêrie*. Através disso, o bebê comunica as suas experiências intensas, potencialmente perturbadoras, e a mãe, por sua vez, torna-se capaz de acolher tal intensidade, experimentando-a em si mesmo. No contexto bioniano, a mãe e o bebê devem ajustar-se mutuamente, maneira pela qual a identificação projetiva e a *revêrie* passam a exercer proeminentemente a comunicação e o manejo relacional entre eles. De acordo com Bion, “a identificação projetiva manifesta-se como conduta que premeditadamente visa despertar, na mãe, sentimentos dos quais deseja livrar-se” (1967/1994. *op. cit.*, p. 132).

Nessas circunstâncias, a mãe consegue tolerar tamanha projeção, por intermédio da aceitação dos estados emocionais do bebê, e responde terapêuticamente a ela, isto é, devolvendo-lhe, mas de forma tolerável. Dito de outro modo, a mãe recebe as experiências projetadas sensivelmente pelas manifestações corporais do seu filho e as retorna digeridas como elementos passíveis de simbolização, tornando-as suportáveis para ele. Por essa via de entendimento, a continência funciona em favor do processamento simbólico do excesso intensivo, sendo que, gradativamente, o próprio bebê vai desenvolver a capacidade de manejar seus dados sensoriais, em última instância, “a saber de si a partir da própria experiência consigo mesmo” (BION, 1967/1994, *op. cit.*, p. 133). Pela face do antagonismo, quando a projeção – uma sensação de estar morrendo, por exemplo – não é bem recebida pela mãe, porque pode despertar nela o pavor de que ele esteja mesmo morrendo, o bebê não tem como atribuir correlação nem sentido para o acontecido. Sendo assim, a mãe subverte a força comunicacional da projeção, enfraquecendo o seu potencial simbólico; posto que se ela não pode tolerar tais projeções, não consegue transformá-las em um formato ajustado para o bebê. Nesse caso, a sensação de estar morrendo não adquire o sentido de um medo da morte tolerável pelo infante, mas submerge como um “terror sem nome” (BION, 1963/2004) no psiquismo. Como resultado da falta de continência das emoções, a capacidade para suportar tensões fica prejudicada, reforçando a demanda por soluções de amansamento e evacuação urgentes.

Com efeito, as funções de *holding* e continência do objeto primordial favorecem de maneira silenciosa e discreta a integração das experiências psíquicas do indivíduo, valendo-se do estado de indiferenciação entre *eu/não-eu*. Nessa direção, tais funções terminam por desaguar na confiança dos próprios

atributos psíquicos e no fluxo dos processos internos por parte do sujeito. Com base nisso, a ausência do objeto maternante não vai ser experimentada como caos psíquico, mas como convite a uma relativa independência e autonomia. Apreende-se, aí, as condições necessárias para que o indivíduo consiga regular os seus sobressaltos intensivos, tendo em vista que a presença real do objeto pôde conservar-se como uma presença interna viva e segura. Isso vai permitir, por sua vez, que cada vez mais o sujeito possa dispensar o objeto de suas funções cuidadoras. Adentramos, assim, o campo da negatividade, explorado por André Green, por meio do qual o objeto negativiza-se, entrelaçando sutilmente o plano intersubjetivo com a esfera intrapsíquica.

O trabalho do negativo

Para avançarmos no desenvolvimento da compreensão do estatuto do objeto na clivagem, vamos lançar mão das contribuições de Green sobre o trabalho do negativo, particularmente, formuladas em *Le concept de limite* (1976/1990) e *Le travail du négatif* (1993). Visamos examinar a intimidade dos acontecimentos que conduzem a pulsionalidade na direção das ligações com os objetos no âmbito primário. Apreciaremos a clivagem psíquica como defesa diante do excesso pulsional, privilegiando agora as nuances dos encontros com os objetos primordiais. A partir das linhas de investigação anteriores, constatamos como as pulsões pela vertente do excesso, fruto de uma tramitação pulsional traumática, instituem-se como motor para o engendramento da ação de corte da clivagem. Diante da experiência de transbordamento pulsional, caracterizada pela compulsão à repetição, são os próprios processos de simbolização que encontram-se em xeque. Levando isso em conta, implicaremos certos desdobramentos do extravio do trabalho do negativo com os efeitos psíquicos da clivagem.

Como vimos, as funções de *holding* e continência quando suficientemente bem desempenhadas pelos objetos primordiais constroem um campo fértil para a simbolização, no qual experiências intensivas encontram expressão psíquica. O exercício contínuo de tais funções possibilita que o objeto possa ser esquecido, ou seja, submetido às formas de negatividade, o que implica em ser desprezado, perdido, rasurado. Nessa medida, institui-se uma espécie de “presença ausente” do objeto, como sugere Figueiredo e Cintra (2004), em referência ao pensamento de Green, ou ainda, uma “capacidade para estar só” na presença do outro, como diria Winnicott (1958/1983). Sob esse ângulo, o trabalho do negativo torna-se vigorosamente constitutivo quando a presença dos

objetos pode ser atenuada pelos processos simbólicos, dando ensejo às séries de ligações substitutivas da pulsão, cujo horizonte consiste na percepção do outro como algo externo e diferenciado. Parece-nos importante sublinhar que, nessas condições, é o próprio impacto da força intensiva que passa a ser tolerável. Não tarda muito, o sujeito apreende a natureza da sua constituição pulsional enquanto exigência de trabalho psíquico, como bem apreciaria Freud (FREUD, 1915/1996, *op. cit.*), criando aptidões para agenciar novos e múltiplos intrincamentos.

Não se trata, portanto, de um esquecimento radical do objeto, no sentido do seu desaparecimento (seja como externo ou interno), na medida em que o objeto é absorvido como função, transformando-se em estrutura psíquica. Com efeito, no mesmo movimento pelo qual os objetos são negativados para dentro, também são apagados para fora. Cria-se, assim, simultaneamente, um limite entre *dentro/fora* e uma delimitação por dentro correspondente ao estabelecimento das instâncias psíquicas. A esse propósito, Green propõe a existência precisa de um “duplo limite” (GREEN, 1982/1990), valorizando o cruzamento do limite responsável pela separação entre interno e externo com o limite que define a geografia psíquica. Logo, vale insistir, os objetos quando são esquecidos tornam-se duplamente negados: para dentro e para fora.

No rumo inverso, a incapacidade dos objetos em cumprir suas funções parece potencializar o aspecto disruptivo e ameaçador da pulsionalidade. Considerando o momento de indiferenciação primária, no qual os objetos são absolutamente imprescindíveis para a constituição subjetiva, fica evidente o efeito traumático das falhas objetais em jogo. Convém reconhecer as falhas não em termos da inevitável falibilidade do objeto, mas de acordo com a qualidade de presença destemperada em relação às necessidades psíquicas do sujeito. Dito isso, pressupomos que uma mãe superprotetora pode ser tão falha quanto uma mãe bastante relapsa. Nesse nível, interessa-nos chamar a atenção para o desvio da função primordial, tanto em relação ao objeto que falha porque se mostra alheio e inacessível, como pelo seu caráter absoluto e onipresente. Seja como for, o indivíduo fica submetido à presença excessiva do objeto primário, resultando daí o engendramento da coalescência entre o objeto e a pulsão.

Ora, de fato, não se deixando esquecer, o objeto torna-se indispensável e insubstituível, dificultando a instalação da diferença e da separação. As perdas ficam intoleráveis, intervindo sobremaneira nas vicissitudes objetais. Nessas circunstâncias, o objeto mantém-se no psiquismo do sujeito como outro intrusivo e ameaçador, estabelecendo-se como alteridade interna radical. Por esse prisma, o excesso de presença do objeto não dá lugar aos sucedâneos nem à

capacidade de representação, exigindo saídas alternativas para o sobressalto do outro fora do registro representacional. Demasiado próximo e onipresente; demasiado distante e inacessível, o outro aqui sempre excede. Em última instância, o objeto não pode ser negado, tampouco, perdido ou substituído. Efetivamente, os descaminhos das vias da negatividade dificultam a constituição de um espaço psíquico habitado por representações e desejos, ambos solidários do princípio de prazer.

Por essa via de reflexão, o extravio da negatividade dificulta a representação da ausência, de tal modo que a presença do objeto externo não impede que haja angústia de separação, assim como, pode haver angústia de intrusão apesar da ausência do objeto. Dessa ótica, o objeto apresenta-se, por um lado, fora do alcance do investimento, por outro, perseguidor. É importante observar que nenhum acordo parece considerável e satisfatório, gerando, assim, uma “dupla angústia contraditória” (GREEN, 1976/1990, *op. cit.*), a qual comporta uma angústia de separação e uma angústia de intrusão. Isso evidencia o rígido e frágil contorno entre o *eu* e o *não-eu*, na mesma proporção em que os limites intrapsíquicos também não se edificam solidamente. Apoiando-nos nisso, encontramos um narcisismo despedaçado e sem a precisão dos contornos, cuja composição psíquica parece formada por uma espécie de “crosta grossa sobre uma pele fina” (FIGUEIREDO; CINTRA, 2004, p. 39. *op. cit.*). Em busca de uma distância segura na relação com o objeto, muitas vezes, o sujeito recai em uma contradição vacilante entre desejar o que ele tem medo de perder e rejeitar o que está em sua posse, o que denota claramente o evitamento do contato e o temor de novos desapontamentos (GREEN, 1979/1990). Nota-se aí que a sobrecarga de tensão se faz ao custo decerto isolamento psíquico.

A clivagem no eu

Eis que deparamo-nos com o plano da *loucura privada* nos termos de Green (1979/1990. *op. cit.*) ou, na concepção winnicottiana, no campo das *agonias inimagináveis* (WINNICOTT, 1970/2002. *op. cit.*), *terror sem nome* (BION, 1963/2004. *op. cit.*), efeito proveniente dos impasses subjetivos do excesso traumático no psiquismo. Fora do registro da representação, o funcionamento psíquico passa a ser dominado pela compulsão à repetição sob a *lógica do desespero* (GREEN, 1976/1990, *op. cit.*). Evidentemente, para sobreviver torna-se necessário alcançar um mínimo de apaziguamento e estabilidade. Nessa mesma direção, evocamos Ferenczi para ajudar-nos a precisar a clivagem como saída dramática diante de uma “dor sem conteúdo de representação” (FEREN-

CZI, 1990, p. 64), vide o estado de coalescência pulsão-objeto. É pertinente observar que se trata, contudo, de uma saída paradoxal, na medida em que o salvamento efetua-se pelo corte psíquico. A ação da clivagem afeta diretamente as fronteiras psíquicas entre a interioridade e a exterioridade, os limites entre as instâncias psíquicas e a interseção psicossoma. Nesse sentido, no lugar de uma construção de sólidos organizadores tópicos, dinâmicos e econômicos do funcionamento mental, conta-se com a fabricação de barreiras protetoras, simultaneamente, rígidas e frágeis.

Levando isso em consideração, entrevê-se como resultado uma imobilidade psíquica, entretanto, trata-se de uma estratégia de sobrevivência preferível ante o colapso do *eu*. Em virtude de fronteiras mal ajambradas, com níveis mais ou menos vulneráveis quanto às possibilidades de expansão e retraimento, sobrevém um estado subjetivo de instabilidade. Desse modo, instauram-se modalidades de relações com os objetos marcadas pela contradição e incoerência, tributárias da desconexão entre *dentro/fora*; *psique/soma*. Por essa linha de pensamento, entendemos que o sujeito move-se, ora para dentro, ora para fora, recaindo em modos de existir que englobam da introspecção às atuações ou da observação à impulsividade (FIGUEIREDO, 2003b).

Não obstante, frequentemente, a falta de coesão traduz-se por uma dificuldade em se sentir presente, culminando na sensação de que a vida não vale a pena ser vivida, ou ainda, como precisaria Winnicott (1960/1983. *op. cit.*), em uma sensação de futilidade. Trata-se propriamente do vazio de sentido que notifica acerca da ausência de representação ou da impossibilidade de atribuição de um símbolo para o acontecido subjetivo. Em acréscimo, o esvaziamento denota significativos entraves na experimentação da vitalidade dos tecidos corporais em benefício do amansamento das excitações dolorosas e da atividade mental protetora. Depreende-se daí o terreno *princeps* da pulsionalidade pelo viés de Tãtatos, ensejando a disjunção no circuito pulsional. Nesse contexto, ocorre um desinvestimento da dimensão pulsional, desdobrando-se em uma retirada de investimento no objeto e mesmo no próprio *eu*. Comparecem aqui as manifestações da pulsão de morte, vigentes como aspiração ao nada, ao nível zero, à inércia. Efetivamente, a tentativa de apagar a presença objetual traumática implica em um apagamento de si mesmo, ou seja, a suposta liberdade em desligar-se do objeto custa o próprio desligamento.

Com base nisso, o retraimento objetual é acompanhado pelo distanciamento de si, podendo chegar ao estado subjetivo de não sentir-se mais real, operação extremada da clivagem. Marca-se aí o caráter avassalador da clivagem como resposta ante a incidência radical do objeto, mediante a qual o sujeito

“entrega a sua alma” (FERENCZI, 1990, *op. cit.* p. 73), como medida de resistência. Por esse viés, a referida defesa comporta o sacrifício de uma parte de si em prol da sobrevivência psíquica, tal como ilustra Ferenczi (1921/1988) com o processo de autotomia. Esse processo diz respeito à artimanha que alguns seres vivos elementares possuem de subtrair partes do corpo, fonte de desprazer ou ferimento, para permitir a salvaguarda do conjunto. Seguindo essa lógica, o sujeito “divide-se num ser psíquico de puro saber que observa os eventos a partir de fora, e num corpo insensível” (FERENCZI, 1990, *op. cit.*, p. 142).

Na esteira dessas ideias, o desligamento adquire ares de autossuficiência e prematuração patológica, glória íntima e penosa, cuja meta é escapar da interferência do objeto e do caos pulsional. A imagem onírica do “bebê sábio”, mencionada por Ferenczi (1923/1988), assume aqui a sua expressão de sentido, posto que evidencia a dimensão paradoxal da necessidade de tomar conta de si, função que cabe aos objetos primordiais. Sem dúvida, um brusco amadurecimento, ou seja, um envelhecimento adquirido às pressas se realiza, mediante a exploração da mente e ao preço do esgarçamento da afetividade. Abre-se aí um claro diálogo com o texto de Winnicott (1949/2000), “A mente e sua relação com o psicossoma”, no qual postula que o pensamento obtém a função de cuidado por ocasião das falhas objetais no cumprimento de suas funções. Por essa via de entendimento, abordamos a intransigência das exigências superegoicas proeminente nas subjetivações clivadas, especialmente, no que concerne ao incremento da crítica diante do fracasso em prescindir inteiramente do objeto e recompor-se dos excessos traumáticos por conta própria.

É preciso, então, considerar a constituição de um sistema defensivo no limite da loucura e da morte, pois os excessos e a desproporção exagerada são perniciosos nas origens da organização subjetiva. Para assegurar a continuidade do existir, cria-se uma espécie de “anjo da guarda interno” (FERENCZI, 1923/1988, *op. cit.*), uma anestesia calmante (MELLO; HERZOG, 2008) e uma paralisia asilar, ambos, suporte do arremedo de delimitação psíquica, em detrimento da satisfação e de uma vida com sentido. De fato, o efeito dos processos da clivagem na cena psíquica recai na criação de núcleos incomunicáveis, os quais Green (1976/1990, *op. cit.*), aproxima da imagem de arquipélagos isolados. Reforçando a alusão greeniana, as ilhas do arquipélago seriam equivalentes aos lugares possivelmente habitados e o mar em volta corresponde ao vazio que as separa. De nossa parte, entendemos que tanto as ilhas isoladas do *eu* quanto a imensidão do vazio do mar informam sobre o aparato psíquico para o psicanalista-navegador que consulta os mapas. Contudo, no âmbito insular, os estilhaçamentos psíquicos, positivamente pelo avesso, subsistem em meio aos ventos e marés.

Nessa direção, avistamos ilhas distantes, isoladas e independentes umas das outras, tal como entrevemos uma coleção de experiências fragmentadas no psiquismo, carentes de sentido. Ora, quando não há organização na realidade externa, torna-se imperativo forjar uma organização no mundo interno, mesmo que à custa do sentido de estar vivo. Sem possibilidade de ligação genuína com o outro, sobrevém o vazio por obra do silenciamento das forças pulsionais encapsuladas na psique. Compreende-se, assim, como o não encontro da pulsão com os objetos ocupa um lugar central no acionamento das clivagens e na edificação de um *eu* pretensamente autossuficiente. Além disso, o impulso de ligação inconvenientemente não intermediado pelo objeto extrai a potência do próprio impulso, produzindo o sentimento de que a busca objetual é inútil ou má. Instala-se aí uma desconfiança em relação ao outro e aos próprios impulsos, expressa por um dilema irreconciliável entre aproximar-se e afastar-se dos objetos (MELLO, 2008). Dito de outro modo, o investimento alteritário configura-se como uma ameaça incognoscível, uma vez que o sujeito pode destruir o objeto ou ser destruído por ele. Nesse contexto, as falhas objetais não são apreendidas enquanto falhas do objeto, mas absorvidas como excesso pulsional, cuja autoria parece inimputável. Sob esse ângulo, a descoberta da externalidade realiza-se pelo vértice do perigo.

Constrói-se aqui o que Ronald Fairbairn (1958/1994) designa como um “sistema fechado”, eficiente na manutenção do sujeito dentro do seu mundo interno, o que termina por arrefecer tanto a relação objetual quanto a pulsionalidade. Tal sistema refere-se propriamente ao outro nome da pulsão de morte, operação silenciosa, muitas vezes, escamoteada pelo barulho de Eros. Tal fechamento – “a maior de todas as fontes de resistência” (FAIRBAIRN, 1958/1994, *op. cit.*, p. 84. tradução nossa), diga-se de passagem – seria, portanto, um recurso em prol da organização dos contatos caóticos com os objetos absolutamente necessários. A esse propósito, instala-se uma “neutralização energética”, nos servindo da formulação de Roussillon (1999), que consiste em uma evitação, tanto quanto possível, dos investimentos que arrisquem a reativação do transbordamento intensivo. Em decorrência, variações qualitativas e quantitativas, naturais do contato humano, são terminantemente evitadas.

Convém lembrar que mesmo funcionando psiquicamente com base em clivagens profundas, isso não significa que o sujeito seja incapaz de cumprir um protocolo existencial, imerso em tarefas intermináveis, ou de estabelecer interações alteritárias. O que importa-nos salientar aqui é que o relacionamento com a realidade externa vai se efetuar de uma maneira tal que preserve a carapaça defensiva interior custosamente adquirida, pois a ameaça de despe-

daçamento psíquico encontra-se permanentemente à espreita de um vacilo. Por esse viés, acreditamos que o vazio de sentido desvela um “cheio demais” no plano da experiência subjetiva (FIGUEIREDO, 2009). Nesse sentido, tratar-se-ia de compreender os estados clivados enquanto “refúgios psíquicos”, lançando mão da conceituação de John Steiner (2009), nos quais o sujeito ao desconectar as experiências psíquicas sente-se relativamente prevenido da dor. A nosso ver, tais refúgios apontam para uma condição subjetiva de insistência no existir, a despeito das ligações precárias e das fissuras psíquicas.

Desse modo, estar fora de si, fora de contato, fora do tempo e do espaço, fora da representação, torna-se necessário para suportar o trauma da impossibilidade de ligar-se aos objetos. Ora, não obstante, apesar de fechado em si mesmo, apesar das inúmeras fendas na história e descontinuidades subjetivas, pressupomos que a busca pelo objeto não cessa jamais. Entrevemos, portanto, uma interioridade pulsante; alguém que aí insiste. Eis, a nossa aposta. Diante disso, como bem apreciaria Michael Balint (1968/1993), nos mantemos crédulos no poder cicatrizante da relação analítica, vislumbrando a oportunidade de um *novo começo* através da gestação de outros mundos possíveis.

Renata Mello

e-mail: renatamello@gmail.com

Regina Herzog

e-mail: rherzog@globo.com

Tramitação:

Recebido em 07//05/2012

Aprovado em 17/07/2012

Referências

MICHAEL, Balint. (1968). *A falha básica: aspectos terapêuticos da regressão*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

BION, Wilfred Ruprecht. (1963). *Elementos de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

_____. (1967). *Estudos psicanalíticos revisados: second thoughts*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

FAIRBAIRN, Ronald Donald. (1958). *From instinct to self: selected papers of W. R. D.*

Fairbairn. Volume I: Clinical and Theoretical papers. London: Jason Aronson INC., 1994.

FERENCZI, Sándor. (1921). Reflexões psicanalíticas sobre os tiques. In: BIRMAN, Joel. (Org.) *Sándor Ferenczi: escritos psicanalíticos: 1909-1933*. Rio de Janeiro: Taurus, 1988. p. 156-181.

_____. (1923). O sonho do neném sábio. In: _____. _____. Rio de Janeiro: Tauros, 1988. p. 214.

_____. (1929). A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. In: _____. *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 47-51. (Obras completas, 4).

_____. *Diário clínico*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

FIGUEIREDO, Luis Claudio. A modernidade, trauma e dissociação: a questão do sentido hoje. In: _____. *Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta, 2003a. p.11-40.

_____. (2003b). O caso-limite e as sabotagens do prazer. In: _____. _____. São Paulo: Escuta, 2003. p.77-107.

_____. Limiares da linguagem. In: _____. *Dimensões do silêncio*. Rio de Janeiro, 2009. (Jornada Interna CPRJ, 17).

FIGUEIREDO, Luís Claudio; ULHOA-CINTRA, Elisa Maria. Lendo André Green: o trabalho do negativo e o paciente limite. In: CARDOSO, Marta Rezende (Org.). *Limites*. São Paulo: Escuta, 2004. p.13-58.

FREUD, Sigmund. (1915). *O instinto e suas vicissitudes*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 117-

144. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

_____. (1920). *Além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 13-75. (ESB, 18).

_____. (1923). *O ego e o id*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.15-80. (ESB, 19).

_____. (1940a [1938]). *Esboço de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 153-221. (ESB, 23).

_____. (1940b[1938]). *A divisão do ego no processo de defesa*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 291-296. (ESB, 22).

GONDAR, Jô. Ato, interpretação e holding. *Cadernos de Psicanálise - CPRJ*, ano 28, n. 19, p. 101-119, 2006.

GREEN, André. (1976). Le concept de limite. In : _____. *La folie privée: psychanalyse des cas-limites*. Paris: Gallimard, 1990. p.121-163.

_____. (1979). La psychanalyse et la pensée habituelle. In : _____. _____. Paris: Gallimard, 1990. p. 41-72.

_____. (1982). La double limite. In : _____. _____. Paris: Gallimard, 1990. p. 337-363.

_____. *Le travail du négatif*. Paris: Minuit, 1993.

MELLO, Renata. *A confiança na construção dos vínculos objetivos: uma perspectiva psicanalítica*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

MELLO, Renata ; HERZOG, Regina. Subjetividade e defesa na obra de Michael Balint. *Revista mal-estar e subjetividade*, v. 8, n. 4, p. 1121-1142, 2008.

ROUSSILLON, René. La metapsychologie des processus et la transitionalité. *Revue Française de la psychanalyse*, Paris, p. 1375-1522, 1995.

_____. *Agonie, clivage e symbolisation*. Paris: PUF, 1999.

STEINER, John. *Psychic retreats: pathological organizations in psychotic, neurotic and borderline patients*. New York: Routledge, 2009.

WINNICOTT, Donald Woods. (1949). A mente e sua relação com o psicossoma. In: _____. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 332-346.

_____. (1952). Ansiedade associada à insegurança. In: _____. _____. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 163-167.

_____. (1956). A preocupação materna primária. In: _____. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 399-405.

_____. (1958). A capacidade para estar só. In: _____. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes médicas, 1983. p. 31-37.

_____. (1960). Teoria do relacionamento paterno-infantil. In: _____. _____. Porto Alegre: Artes médicas, 1983. p. 38-54.

_____. (1963). O medo do colapso (breakdown). In: WINNICOTT, C., SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (Org.). *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2005. p. 70-76.

_____. (1970). A de pendência nos cuidados infantis. In: _____. *O bebê e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 73-78.